



FABIOLA CORREA/JC

Unindo diferentes disciplinas, filósofo, professor e ensaísta é uma das mentes mais respeitadas da academia gaúcha

Reportagem Especial

Ricardo Timm de Souza e o pensamento em composição

Rafael Gloria

Ricardo Timm de Souza ergue a mão e chama a atenção para os dedos. O quarto, explica, por ser mais “fraco” precisou ser exercitado durante anos para alcançar a quarta corda do violino. O esforço repetido deixou uma curvatura que já não pode ser desfeita. O braço também conserva os efeitos das viagens em que carregava a caixa do instrumento. Décadas depois de abandonar a carreira musical, ele ainda leva a música inscrita no corpo.

As marcas começaram a ser produzidas aos 13 anos, quando passou a estudar violino com um experiente músico judeu-rus-

so. Era considerado um início tardio para quem pretendia seguir carreira, mas a dedicação do estudante alterou a desconfiância inicial do professor. Como morava nas proximidades, o violinista chegava a passar diante da casa da família para escutar da rua se o adolescente estava estudando.

Timm correspondeu à exigência. Mesmo jovem, começou a dar aulas de música em seguida. Depois, estudou composição, regência e outros instrumentos, gravou para o teatro e se apresentou sozinho e em grupos. Em 1985, esteve entre aqueles que participaram da criação da Orquestra do Teatro São Pedro. A disciplina, no entanto, aproxi-

mou-se da obsessão. O perfeccionismo e a tensão das apresentações contribuíram para um período de estresse intenso e para o afastamento dos palcos.

Encontrou o caminho na Filosofia, no ensino, na escrita e na intelectualidade, lecionando na Pucrs, desde 1998. O perfil institucional onde atua, na Escola de Humanidades da universidade, registra 32 livros autorais, outros 32 organizados e aproximadamente 200 artigos, capítulos, traduções e textos. São trabalhos que transitam pela filosofia, estética, literatura, ética, psicanálise, criminologia e crítica social. Timm, entretanto, define-se sobretudo como ensaísta: alguém que encontrou

na escrita uma forma capaz de reunir elaboração conceitual, dimensão poética e sensibilidade artística.

A música, porém, não ficou para trás. “Foi a marca que definiu todo o resto”, afirma. Recordando ao filósofo Thomas Mann, Timm diz que procura escrever da maneira mais musical possível sem utilizar música. O ritmo aprendido com o violino atravessou a filosofia, a literatura, as aulas e os diferentes campos pelos quais circulou como professor e pesquisador. Em seus textos, o conceito não aparece separado da forma: também precisa encontrar cadência, intensidade e composição.

Os reconhecimentos recebi-

dos pelos livros desenharam esse percurso entre áreas. Em 2005, o original de Ocaso: contos de entreluz, sua incursão mais extensa pela ficção, recebeu menção honrosa no Concurso Nacional Sesc de Literatura. Em 2019, Ética do escrever, obra na qual apresenta o que chama de sua teoria pessoal da literatura, foi finalista do Prêmio AGES. Dois anos depois, Crítica da razão idolátrica: tentação de Thanatos, necroética e sobrevivência conquistou o Prêmio Minuano de Literatura e, na sequência, o Prêmio Açorianos, na categoria Ensaio de Humanidades. Em 2023, O pensamento e o outro, o Outro do pensamento chegou à final do AGES. Já Filosofia da escravidão venceu, em 2025, a categoria Não Ficção da mesma premiação.

A sucessão de títulos e prêmios revela uma obra extensa, mas não explica sozinha a amplitude de interesses do autor. Escritor e ex-orientando de Timm, Gustavo Czekster recorda as tardes de conversa no bar da Faculdade de Letras da Pucrs. Falavam livremente sobre os livros que haviam lido, e o professor transitava por Asimov e Cervantes, Kafka e Faulkner, Arthur C. Clarke e Borges “com a naturalidade de quem costuma frequentar esses diferentes autores como se fossem convidados na sua casa”.

Czekster, que prefaciou a nova edição de Ocaso, publicada em 2022, encontrou nos contos histórias que flertam com Kafka e Friedrich Dürrenmatt. Mas foi sobretudo a convivência que o levou a definir Ricardo como um humanista: alguém em quem o conhecimento filosófico, a música, o ritmo, a literatura, a paixão pelos animais e o prazer do debate não aparecem como interesses isolados. A erudição vinha acompanhada de afabilidade, generosidade e disposição para conversar durante horas sobre livros.

A palavra humanista talvez consiga reunir aquilo que os números e as áreas acadêmicas apresentam separadamente. Aos 64 anos, Ricardo Timm de Souza ainda pensa como quem compõe: aproxima tradições, escuta vozes distintas e procura uma forma para aquilo que o inquieta.

Leia mais na página central